

INTRODUÇÃO

O movimento de educação inclusiva cresce no Brasil. Um movimento que, por um lado reflete o conjunto de manifestações contra a exclusão historicamente vivida pelas pessoas com necessidades educativas especiais e, por outro lado reflete as manifestações, ideias e reivindicações dos próprios surdos associadas aos conhecimentos teóricos materializados na produção científica de pesquisadores da área de Educação de Surdos, Psicologia, Linguística e Antropologia. Todos contra a exclusão na educação, destaca-se que estes últimos são a favor de uma educação bilíngue para surdos.

É notório que o processo de inclusão de pessoas com necessidades educacionais especiais tem se ampliado de forma significativa no contexto escolar. Nesse sentido, a atual dinâmica de inclusão vem implantando mudanças objetivas nas atividades em sala de aula. O caso de matrícula de acadêmicos surdos, por sua vez, requer uma reflexão sobre o processo de ensinar e aprender desse alunado e a contratação de um novo personagem, o intérprete de Língua Brasileira de Sinais (Libras).

Nesses últimos anos, eu, como educadora, venho refletindo sobre a Educação de Surdos. Considero que uma vez que a escola comum também está incumbida, pela política inclusiva, dessa árdua tarefa, cabe fornecer informações aos professores sobre as necessidades educacionais especiais do alunado com surdez.

Atualmente, presenciamos inúmeros avanços no âmbito legislativo, principalmente referentes aos direitos das pessoas com deficiência. Há uma diretriz educacional (MEC, 2001) que garante o direito dos surdos de ter acesso ao ensino por meio de sua língua materna. Em muitos casos é citada a importância da mediação por meio do intérprete de Língua de Sinais.

Reunimos, nestas páginas, o pensar sobre a Educação de Surdos no Brasil, por parte daqueles que trabalham no ensino (professores), além do pensar dos que vivenciaram o ensino (alunos), tentando dialogar com aqueles que, para além do ensino, também pensavam sobre o ato de ensinar a surdos (pesquisadores). Em síntese, o que centra o percurso temático deste livro são reflexões voltadas para a prática.

Quem quer que se proponha a escrever um livro deste tipo deve imensa gratidão aos seus alunos, aos seus colegas, aos autores dos inúmeros livros e artigos que leu. Gostaria de reconhecer minha dívida de gratidão para com as muitas pessoas que estão nessas categorias.

A redação deste trabalho começou em 2006 e a versão final foi enviada ao editor no inverno de 2009. Inevitavelmente, há vários pontos aos quais, nesse intervalo, eu daria tratamento um tanto diverso. Refiro-me ao refinamento sobre o ensino de Português para surdos e às focalizações específicas dos padrões de interação verbal na sala de aula de cursos universitários, com a mediação de intérprete de Libras.

Na tarefa de compartilhar com outros educadores meus caminhos, escrevi meus questionamentos e algumas poucas certezas, e organizei o livro por períodos de ensino.

No primeiro capítulo, denominado *O pensamento educacional brasileiro sobre o ensino dos surdos* foi desenvolvida uma avaliação crítica sobre o estágio atual e a evolução do ensino de surdos no Brasil. O quadro permite uma visão em perspectiva das características e problemas da área, que são essenciais para tomadas de decisão por parte de educadores que venham a ter alunos surdos. A esse movimento vivido na Educação de Surdos soma-se uma visão cultural, que potencializa a introdução dos estudos sobre os surdos na teorização corrente com tendência ao campo da Linguística Aplicada. Com a recente dignidade linguística da Libras, e dignidade acadêmica agora conquistada pelos surdos, há, atualmente, uma situação de insegurança com o fortalecimento das políticas inclusivas na educação, pois há possibilidade de se perder o principal espaço para a aquisição, ensino/aprendizagem de Libras, ou seja, uma escola própria de surdos.

A primeira atenção do segundo capítulo é orientada para a detecção e o diagnóstico da surdez. Procuramos apresentar algumas características e consequências em âmbito social, com a denominação *Descobrimo o que há por trás da surdez*. A segunda atenção foi mostrar que a posição de ver a surdez como uma doença limita ou retarda o que pode ser efetivado quanto às possibilidades de desenvolvimento da linguagem pela criança.

Em seguida, no terceiro capítulo, apresentamos as atuais políticas para a educação escolar de pessoas com deficiência e a criação dos

serviços da Educação Especial na aplicação das propostas pedagógicas implementadas pelas Secretarias de Educação; trata-se da *Educação bilíngue de surdos*.

No quarto capítulo, procuramos focalizar a discussão na prática pedagógica, sem nos preocupar com a delimitação de um currículo propriamente, pois consideramos que cada escola deverá desenvolver essa discussão com a comunidade escolar e desenvolver as devidas delimitações, registrando-as no projeto político pedagógico conforme a sua realidade social e cultural. Construimos o texto em períodos.

No primeiro, oferecemos uma argumentação inovadora sobre Educação Infantil e crianças surdas, focada no desenvolvimento de linguagem, matriz de construção de outros conhecimentos. Construimos um cenário de sala de aula apresentando estratégias para as relações sociais entre professores e alunos. A base para a prática da educação nesse período é um eixo multidisciplinar, no qual as particularidades de cada disciplina são preservadas, mas que podem fazer parte de um conjunto mais amplo, que nos dê a visão do desenvolvimento da criança em sua totalidade, principalmente em relação à aquisição da linguagem, especificamente a Libras. Da fusão dessas particularidades surgirá a visão do possível encontro entre escola e sociedade.

No segundo momento, procuramos discutir o período do Ensino Fundamental e Médio, focalizando a discussão na aprendizagem da leitura e na produção de textos, pois estas são as grandes funções do Ensino Fundamental. Visto que a língua legítima na escola é a Língua Portuguesa, as pessoas que não utilizam a variedade padrão são discriminadas e muitas vezes não são bem-sucedidas socialmente.

O Português falado no Brasil teve sua origem no latim, que se transformou em diversas línguas, como: Espanhol, Francês, Italiano, Português, entre outras (Silveira, 1994). No caso da Libras, em que o canal perceptual é diferente, por ser uma língua de modalidade gestual-visual, não teve sua origem da Língua Portuguesa, que é constituída pela oralidade, portanto considerada oral-auditiva. Originou-se de outra língua de modalidade gestual-visual, a Língua de Sinais Francesa, apesar de a Língua Portuguesa ter influenciado diretamente a construção lexical desta Língua de Sinais, mas apenas por meio de adaptações, pois são línguas em contato.

Devemos fazer, neste momento, uma distinção entre língua e modalidade. A língua é um sistema de uso e produto social, é um instrumento do pensamento e de interação, está sempre em aberto e em construção. Não há uma determinação unívoca dos significados do léxico “justamente porque se determinam no discurso e pelo discurso adquirem novos matizes” (Geraldi, 2003, p. 78). Ao nos referirmos a modalidades, entendem-se canais por meio dos quais as línguas são produzidas, e os principais são: o falado, o escrito e o sinalizado (Wilcox, 2005).

Não se sabe ao certo onde e como surgem as Línguas de Sinais da comunidade surda, mas consideramos que estas são criadas por homens que tentam resgatar o funcionamento comunicativo por meio dos demais canais por terem um impedimento físico, ou seja, pela surdez.

Para desenhar os contornos de uma identidade de minoria linguística, cabe refletirmos sobre as especificidades da Educação de Surdos, em particular expandir a base de compreensão do que representa ensinar Português assumindo elementos da comunicação como constituidores de conhecimentos comunicativos de uma nova língua que se aprende ou se ensina e não como mero instrumento. Na tarefa de compartilhar experiências, construímos nesse tópico algumas estratégias de ensino de Língua Portuguesa.

E num terceiro momento, quando passamos a discutir sobre a educação inclusiva de surdos no Ensino Superior, para que se possa ultrapassar o convencional, julgamos interessante e proveitoso compartilhar nossas experiências como professora de surdos e na atuação como tradutora e intérprete de Libras. Está destacada a atuação do intérprete de Libras como mediador entre ouvintes e surdos, pois constatamos que seu papel não se resume a traduzir dizeres de uma língua para outra.

No último capítulo indicamos alguns materiais pedagógicos e de leitura para os professores que pretendam desenvolver uma educação bilíngue para surdos.

O empreendimento de escrever consiste na intenção de contribuir para a transformação, no intuito de delinear um panorama mais promissor para a educação de pessoas surdas. Trouxemos reflexões para qualquer leitor interessado na área – principalmente professores. Cabe lembrar que estamos construindo um novo caminho, voltado para uma educação bilíngue para surdos.